

DOSSIÊ PRODUÇÃO DISCENTE

**COLUNAS ESPORTIVAS:
A REPERCUSSÃO DO ÁRBITRO DE VÍDEO NO FUTEBOL ¹**

**COLUMNAS DEPORTIVAS:
LA REPERCUSIÓN DEL VIDEO ÁRBITRO EN EL FÚTBOL**

**SPORT COLUMN:
THE REPERCUSSION OF THE VIDEO ASSISTENCE REFEREE IN SOCCER**

José Victor Azevedo Araújo²

RESUMO:

O objetivo deste artigo é analisar a repercussão do árbitro de vídeo em duas colunas esportivas, a do Mauro Cezar e a do Juca Kfourri. Foram coletados textos por eles publicados entre 05 de março de 2018 e 29 de junho de 2018. Como método de estudo foi utilizada a pesquisa qualitativa bibliográfica para definir e categorizar o gênero opinativo jornalístico, trazendo como interlocutor principal José Marques de Melo. O tema foi escolhido por conta da influência da tecnologia nos jogos e do amplo debate que tem sido registrado entre os jornalistas e os amantes de futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Opinativo. Colunas. Tecnologia. Arbitragem.

RESUMEN:

El propósito de este artículo es analizar la repercusión del video árbitro en dos columnas deportivas: la de Mauro Cezar y la de Juca Kfourri. Se recopilaron textos publicados por ellos entre el 5 de marzo y el 29 de junio de 2018. Como método de estudio, se utilizó la investigación bibliográfica cualitativa para definir y categorizar el

¹ Artigo desenvolvido sob orientação da Profa. Me. Simone Rodrigues Barreto como atividade avaliativa da disciplina de Redação Jornalística II, no 4º. Período do curso de Jornalismo, e apresentado no III Seminário de Iniciação Científica em Jornalismo, em novembro de 2018.

² Aluno do curso de Jornalismo do UNIFLU. E-mail: jvazevedo7@outlook.com

gênero periodístico de opinião, com José Marques de Melo como o principal interlocutor. O tema foi escolhido devido à influência da tecnologia em los jogos y al amplio debate que se ha registrado entre periodistas y amantes del fútbol.

PALABRAS CLAVE: Periodismo de opinião. Columnas Tecnología. Arbitraje

ABSTRACT:

The purpose of this article is to analyse the repercussion of the video referee in two sports columns, that of Mauro Cezar and that of Juca Kfourri. Texts published by them between March 5th, 2018 and June 29th, 2018 were collected. As a method of study, qualitative bibliographic research was used to define and categorize the opinionated journalistic genre, with José Marques de Melo as the main interlocutor. The theme was chosen because of the influence of technology in the games and the wide debate which has been registered among journalists and soccer lovers.

KEYWORDS: Opinionated Journalism. Columns. Technology. Arbitration.

1 – INTRODUÇÃO

A tecnologia do árbitro de vídeo, tradução para *Video Assistance Referee* ou VAR, que já é usado há alguns anos, em outras modalidades esportivas como voleibol e tênis, chegou ao futebol em 2016 por meio de uma reunião que culminou no aval da *International Football Association Board*, a IFAB, órgão que determina as regras, no quesito dos jogos. Foi utilizado pela primeira vez em uma partida da *United Soccer League*, segunda divisão nos Estados Unidos, quando duas faltas foram marcadas com o auxílio da imagem. A FIFA, entidade máxima do futebol, implantou a tecnologia como teste, no Mundial de Clubes em 2016, porém sofreu críticas, principalmente do ex-técnico do Real Madrid, Zinedine Zidane e do meia Luka Modric, que apontaram erros no sistema.

Na América do Sul, foi novidade nas competições continentais, como Libertadores e Copa Sul Americana, no ano de 2017 e no Brasil, nos Campeonatos da Federação Pernambucana de Futebol, também em 2017 e nas principais competições do país, a partir do segundo semestre de 2018. Mesmo ano que, aconteceu a aparição mais polêmica da tecnologia, na Copa do Mundo, na Rússia, período em que se tornou assunto no mundo todo.

Logo, o VAR viralizou, e as discussões entre os jornalistas cresceram de maneira inimaginável, e com isso, delimitou o tema do projeto, que teve como questão problema, a repercussão do árbitro de vídeo nas colunas esportivas, que foi o gênero opinativo escolhido para ser analisado.

O uso do sistema polemizou as partidas, e levantaram hipóteses, como a falta de ajustes no sistema e também nas regras de utilização, o despreparo da arbitragem, consequência da ausência de treinamentos para que a sua inserção na modalidade, não interfira no jogo negativamente, mas sim positivamente, sendo um auxílio para a solução de lances duvidosos.

O projeto teve o objetivo de analisar as colunas, e trazer a maneira como foi repercutido o árbitro de vídeo, o método que o colunista utilizou para elaborar a opinião, além de exercer um comparativo entre as duas colunas, buscando diferenças ou semelhanças, para que o leitor tenha diversidades de opiniões, com base em aspectos do ponto de vista sobre a tecnologia.

A escolha do tema para este artigo surgiu por conta da influência da tecnologia nos jogos e das repercussões em relação ao árbitro de vídeo tanto nas colunas esportivas, quanto entre os jornalistas e os amantes de futebol, pois a arbitragem nas partidas é um assunto corriqueiro, mas que agora tem o auxílio do vídeo, entretanto as regras de uso ainda causam polêmica.

O método de estudo aqui utilizado foi a pesquisa qualitativa, tendo como ferramental a pesquisa bibliográfica que define e categoriza o gênero opinativo jornalístico, trazendo como interlocutor principal o autor José Marques de Melo, dando enfoque às colunas que serão analisadas, além de artigos que abordam o tema. Para observar o objeto empírico, foi escolhido o estudo de caso e pesquisa documental, observando as publicações das colunas dos dois jornalistas no período de 05 de março de 2018 e 29 de junho de 2018, pois se trata de opiniões pré copa e durante a copa, já com a fase classificatória da competição encerrada, e com uma análise concreta, baseada no modo de utilização do sistema durante as partidas.

O artigo foi dividido em três partes: a primeira, aborda o gênero selecionado para estudo, que é o opinativo, com enfoque no formato de coluna, na tipologia de coluna de mexericos, onde personalidades do mundo das celebridades e da comunicação opinam de maneira pessoal, geralmente com publicações regulares e assinadas. A segunda parte teve como foco dissertar sobre a origem do futebol, a implantação da

tecnologia no futebol, em prol de ajudar a arbitragem, já que é um questionamento de grande proporção no meio futebolístico. Além disso, o tópico irá proporcionar aos leitores, um aprendizado o árbitro de vídeo, em conjunto com a história do jornalismo esportivo, como escada para a última parte, que apresenta as análises dos objetos selecionados, contando a história de cada colunista, dando os resultados encontrados em cada coluna com relação ao VAR, e elaborando um comparativo entre ambas, indicando diferenças e semelhanças no ponto de vista do Mauro Cezar Pereira e do Juca Kfourri.

2 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS E O FORMATO COLUNA

2.1 – GÊNEROS JORNALÍSTICOS

Gênero jornalístico é uma tipologia da classe dos gêneros textuais, que segundo Ferreira (2012), começou a ganhar destaque na imprensa por conta da determinada intelectualidade de Jacques Kayser (França, 1953). Dessa forma, o estudo de gêneros recebeu um impulso renovado.

Inicialmente, o termo gênero, na escrita, surgiu na retórica, tendo a sistematização inédita, ocorrida nos tempos de Platão e Aristóteles. No sistema implantado pelos dois, o papel do gênero era analisar a identidade de cada texto, visando uma distinção elaborada entre poesia, prosa, entre outros.

Após diversas modificações no sistema, os gêneros jornalísticos, se subdividiram com base na trilogia de Luiz Beltrão, Imprensa Informativa (1969), Jornalismo Interpretativo (1976) e Jornalismo Opinativo (1980), que é tomada como referência até os dias atuais.

2.2 - GÊNERO OPINATIVO

A origem do gênero opinativo se deu em conjunto com o jornalismo brasileiro, por meio do jornal Correio Braziliense, que era editado em Londres, na Inglaterra, por Hipólito Costa. “Os gêneros opinativos e os mecanismos usados pelos agentes sociais a ele ligados interferem na direção ideológica dos fluxos informativos” (MELO, 2003, p.11).

Segundo Melo (2003), o ato de opinar é uma reação aos fatos noticiados e por conta disso, em Marques de Melo e Assis (2010), é frisado que nos textos opinativos se originam geralmente do gênero opinativo.

Todavia, o texto opinativo pode se tornar uma armadilha, já que, se o jornalista não possui embasamento teórico, ele não tem a capacidade de analisar os fatos com senso crítico e a argumenta de maneira sensacionalista.

O gênero opinativo se subdivide em oito formatos: Editorial, Comentário, Artigo, Resenha, Crônica, Caricatura, Carta e Coluna, este último escolhido como o formato a ser analisado neste projeto, com incisão nas esportivas.

2.3 – COLUNA

Segundo Melo (2003), a coluna originou-se diagramada na posição vertical, nas quais as matérias eram posicionadas de cima para baixo, tendo que invadir o espaço de outra coluna. Já nos dias atuais, com a diagramação horizontal, o espaço da coluna se expandiu para além da zona vertical, sendo dividida em seções para identificar as colunas.

A coluna é uma seção especializada de jornal ou revista, onde os colunistas geralmente assinam suas matérias, possuem a liberdade de escrever de maneira mais livre e pessoal. Além disso, com o objetivo de facilitar o leitor da coluna, o título e cabeçalho permanecem sempre na mesma posição, para maior praticidade na identificação da mesma e cada matéria varia de 500 a 800 palavras.

O principal intuito dos colunistas é disponibilizar para o público, fatos, ideias, entre outros, em primeira mão, encorpando-a com opiniões, recuperando a peculiaridade que os jornais impressos tinham antes do surgimento do rádio e da televisão. “A coluna tem como espaço privilegiado os bastidores da notícia, descobrindo fatos que estão por acontecer, pinçando opiniões que ainda não se expressaram, ou exercendo um trabalho sutil de orientação da opinião pública.” (MELO, 2003, p. 140).

De acordo com o autor, a coluna, estruturalmente, é um portal de mini-informações, onde fatos são expostos brevemente, além de depoimentos curtos sobre ocasiões em progresso. Com base no jornalismo dos Estados Unidos, a tipologia das colunas é dividida em quatro:

Tabela 1 – Categorização do gênero coluna, segundo José Marques de Melo

Coluna padrão.	Destinada seções de relevâncias inferiores, variando entre um parágrafo a um parágrafo e meio de texto.
Coluna miscelânea.	Abrange conteúdos que misturam vários temas, combinando prosa e verso, fugindo do padrão.
Coluna de mexericos.	Denominação para as colunas de celebridades e de profissionais da área de comunicação. Originada tendo como público alvo o high-society, se subdivide atualmente entre as seções de maiores importâncias, como esporte, cinema, música, entre outras.
Coluna sobre bastidores da política.	Semelhante a coluna de mexericos, todavia, informa o leitor sobre o governo, exibindo suas particularidades.

Fonte: MELO (2003).

3 – FUTEBOL

3.1 – SURGIMENTO

Há muita confusão, com relação a origem do futebol, pois embora não se tenha certeza sobre os primórdios do futebol, historiadores desvendaram pistas nas culturas antigas, mesmo que ainda não houvesse uma visão concreta do futebol, se via o afeto que os homens demonstravam com a bola. As origens do futebol, foram surgindo por meio de um ciclo, em vários países, a começar na Ásia, na China Antiga.

Por volta de 3000 a.C, militares tinham a prática de treinar os seus soldados, utilizando a cabeça de seus inimigos após as guerras, e era denominado de treino militar. Com o passar dos anos, o esporte foi evoluindo de estágio, quando ocorreu a substituição da bola por uma esfera de couro com cabelos, onde o objetivo era ir

passando a bola de “pé em pé”, entre os oito jogadores do time, pois eram dois times, sem deixar quicar no chão, até que ela passasse por dentro das duas estacas fixas, ligadas por um fio de cera, simulando uma trave. Essa modalidade era denominada de *cuju*.

Após ter surgido na China, a prática continuou pelo Oriente e chegou ao Japão, 5 a 6 séculos depois, com uma outra forma de se jogar, através do *kemari*, em que se é também constituído de 16 jogadores, 8 para cada time, que jogavam em um campo de aproximadamente 200 metros, e que jogavam com uma bola feita de fibras de bambu, além de uma das regras, na qual era proibido o contato físico entre os jogadores. Foram encontrados por historiadores, depoimentos onde se confirma que na antiguidade, chineses e japoneses se enfrentaram nessa modalidade. Chegou à Grécia, por volta de século I a.C, com um novo formato de se jogar, denominado Espikiros, em que os soldados se dividiam em duas equipes de nove jogadores, disputando em um terreno retangular. Na cidade de Esparta, os também militares, utilizavam uma bola feita de bexiga de boi, preenchida com areia ou terra, e além disso, tinham um espaço extenso no próprio campo, mesmo dividido, pois a extensão do território de disputa era grande. Os romanos ingressaram no futebol, quando dominaram a Grécia, entrando em contato com a cultura grega, e aprendendo a praticar a modalidade, que acabou se tornando mais violenta.

Na Idade Média, o modo de disputa se assemelhava muito ao futebol, todavia a violência era o ponto forte, e se distorcia em comparação ao modo de jogo padrão da modalidade. Chamado de *Soule* ou *Harpastum*, militares eram divididos em duas equipes, de atacantes e defensores, no qual era permitido utilizar socos, pontapés, rasteiras, entre outros golpes que incitavam a violência. Cada equipe possuía 27 atletas, com funções diferentes, como corredores, dianteiros, sacadores e guarda – redes. Há informações da época, de que jogadores já morreram no momento em que disputavam partidas.

O futebol se originou na Itália Medieval, com o nome de *gioco del calcio*, no qual os duelos eram realizados em praças, na qual os 27 jogadores deveriam levar a bola até os dois postes que ficavam nos extremos do local de jogo. A violência era usada em grande proporção e causada porque os atletas descontavam seus problemas pessoais, principalmente por conta da Era Medieval, para dentro do

campo de disputa. Por conta disso e da desorganização, a modalidade foi proibida de ser praticada, pelo na época Rei Eduardo II, o qual também condenou os atletas que disputavam o esporte. Entretanto, integrantes da nobreza, implantaram uma nova versão, em que não havia atos de agressividade física, permitindo que os atletas voltassem a praticar o esporte.

O surgimento da modalidade na Inglaterra se deu pelo deslocamento do *gioco del calcio*, saindo da Itália por volta do século XVII. Nas terras inglesas, a modalidade teve regras, organizações e sistematização modificadas, como a medida do campo que mudou para 120 por 180 metros e a instalação de dois arcos retangulares nas pontas, chamados de gol. Além disso, o material da bola passou a ser de couro, enchida com ar. Com maior clareza, os estudantes e filhos da nobreza começaram a praticar e com o tempo o esporte se popularizou.

Em 1848, uma conferência na cidade de Cambridge, implantou um único código de regras para o futebol. A posição de goleiro ou guarda – redes, teve sua criação no ano de 1871 e seria o único a poder pôr as mãos na bola, e que tinha função de evitar que a bola entrasse no gol, tendo que ficar o mais próximo possível. Quatro anos depois, em 1875, foi definido que cada partida teria a duração de 90 minutos. No ano de 1891, foi implantado o pênalti, como consequência da infração cometida dentro da área de defesa. Entretanto, somente em 1907 foi criada a regra do impedimento, em que a sua marcação é dada quando o jogador de ataque recebe a bola a frente do penúltimo jogador de defesa do adversário e está à frente da linha da bola.

O futebol só ganhou ares profissionais em 1885, e por consequência, um ano depois, foi criada na Inglaterra, a IFAB, *International Football Association Board*, com o objetivo de ser a entidade responsável por modificar as regras do jogo quando necessário. O esporte cresceu no quesito divulgação, em 1887, pois um time inglês chamado Corinthians, fez uma viagem pela Europa e compartilhou a prática do futebol em diversas regiões do mundo. Um ano depois, foi fundada a *Football League*, com o intuito de organizar competições internacionais.

Segundo Chevalier, Gheerbrant (1991), possuir o traje de jogo, ou uniforme para a prática do futebol, era elemento primordial para pertencer a um *team*. A roupa, assim como a moda, sempre teve o caráter de marcar uma distinção limítrofe entre os indivíduos.

Coincidência ou não, o país em que o futebol se modernizou, para o formato que é nos dias atuais, tem o seu Campeonato, da primeira divisão, a *Premier League*, considerado o mais difícil da Europa, pois comparado com os outros países, o faturamento dos clubes, o valor de mercado dos jogadores, os direitos de televisão e o salário, os times ingleses são os mais ricos. Além disso, a competitividade e equilíbrio é mais acirrada do que nas outras ligas, quando apenas 2 ou 3 times brigam pelo título de campeão, e já na Inglaterra, toda temporada, 5 a 6 clubes disputam as posições da parte de cima da tabela. Portanto, há uma grande diversidade de vencedores, como aconteceu na temporada de 2015-2016, pois a temporada no futebol da Europa, se inicia no começo de agosto e termina durante o mês de maio, em que o campeão nunca havia ganhado a competição, que foi o *Leicester City*, modesto time, na época.

3.2 – O BRASIL NO FUTEBOL

Em, 1894, no “país do futebol”, o esporte desembarcou no Porto de Santos atrelado ao jovem estudante Charles Miller, nascido no bairro paulistano do Brás, que saiu do Brasil com destino a Inglaterra, aos nove anos para estudar.

“Em sua bagagem, o considerado pai do futebol no Brasil, trazia duas bolas, uma bomba para enchê-las, além de uniformes, apito e um livro de regras do esporte.” (AQUINO, 2002).

Inicialmente, houve controvérsias, pois originalmente, o esporte era delimitado para a prática por parte da elite, o que inibiria os negros de terem contato com o futebol, e, além disso, o Brasil tinha se tornado um país republicano, tinha abolido a escravidão e trocado a mão de obra negra, pelo trabalho assalariado dos imigrantes, muitos deles, vindos da Europa.

Com a chegada de imigrantes, o Brasil cresceu demograficamente e o espalhamento do futebol, se tornou algo incontrolável. Um exemplo disso foi que a capital brasileira na época, o Rio de Janeiro, teve um aumento exorbitante de habitantes, por consequência do deslocamento de negros recém-migrados, da área rural para a urbana.

Visando modernizar e ampliar o espaço, para que a qualidade de vida da população fosse preservada, assim como o Rio de Janeiro, outras cidades

incorporaram uma reforma urbana, denominada de “Belle Époque”, para a abertura de espaços públicos extensos.

De acordo com Freyre (2004), o modelo deveria servir de referencial para as demais cidades brasileiras. O Brasil deveria incorporar em seu sistema cultural um conjunto de “europeísmos”, que seriam destinados a marcar o imaginário e a memória coletiva.

Dessa forma, o esporte começou a se espalhar pelos espaços públicos, tendo primeiramente, motivado a elite para a prática do futebol, através de clubes e escolas que se organizavam. Todavia, não era o fato de apenas jogar futebol que interessava a classe alta da sociedade, mas também o fato de fazer atividade de física.

Diante disso, o termo “*sportman*” foi implantado, para definir o futebolista ou praticante de atividade física, que participava de um grupo privado, em que os integrantes eram da elite, e tinham disponibilidade de tempo nos clubes e nas praças, hoje designadas como estádio de futebol. Os atletas, faziam parte de um subgrupo, onde eles possuíam o próprio código de conduta e de sinais para se diferenciarem dos outros grupos da sociedade, tendo assim um estilo de vida único.

3.2.1 – Negros no futebol brasileiro

O futebol logo inspirou as classes mais baixas do país, e com isso, o esporte que surgiu designado apenas para brancos e aristocratas, começavam a ter times do subúrbio, com integrantes negros e mulatos, vindos de cidades pequenas e portuárias, nas quais os elencos eram formados por tripulações de embarcações, que originou um dos clubes mais tradicionais do futebol brasileiro, o Santos Futebol Clube, clube que revelou ícones do esporte brasileiro, como o “Rei Pelé” e o principal astro do Brasil na atualidade, Neymar.

Mesmo com diferenças entre os times de elite e os da baixada, com relação a material esportivo para treinar e jogar, a habilidade dos negros chamavam a atenção de equipes populares formadas recentemente, para que eles pudessem receber financeiramente e serem valorizados, pois eram vistos pela população branca como algo amador e a sociedade não dava apoio a essa parte do país, recém libertos.

Logo, a chance de se obter algum ganho financeiro era pouquíssimo provável.

Com base em Mario Filho (2003), a inserção de jogadores mestiços no futebol não foi fácil, todavia os clubes da elite tinham apreço por jogar contra os times do subúrbio, e assim firmar a sua superioridade, principalmente no quesito econômico e social.

O deslocamento dos negros do futebol amador para o profissional, se deu nos anos 20, quando o Clube de Regatas Vasco da Gama aceitou negros em seu elenco, no momento em que estava realizando a montagem de seu elenco para o Campeonato Carioca de 1923, conquistando o título daquele ano.

Segundo Franco Júnior (2007), clubes como Botafogo, Flamengo e Fluminense romperam a aliança com o Vasco, e em conjunto com América, Bangu e São Cristóvão, fundaram em 1924, a Associação Metropolitana de Esportes Amadores, da qual o time cruz-maltino não fazia parte, por ter recusado dispensar os 12 jogadores negros que integravam o seu elenco.

Entretanto, de acordo com Helal (2007), a saída do Vasco do Estadual daquele ano, fez com que o público se desinteressasse pela competição, já que preferiam acompanhar os negros jogando junto com os brancos, do que apenas, a elite.

Um ano depois, o futebol carioca voltou a ter o Vasco da Gama incluso na competição organizada pela Associação, com o requisito de que os jogadores negros que integravam o elenco cruz - maltino, utilizassem de estratégias, como esconder o cabelo e se disfarçar com pó de arroz, com o intuito de aparentarem ser de cor branca.

3.3 – JORNALISMO ESPORTIVO

A história do jornalismo esportivo, se iniciou no século XX, através do autor de uma das mais famosas da literatura brasileira, Vidas Secas, de Graciliano Ramos, na época que falar de esportes, tinha o mesmo sentido de um indivíduo sensacionalista, torcedor, com a denominação de palpiteiro.

A parte esportiva de um jornal não tinha a mesma relevância de um noticiário político, por exemplo. Diferente de outras especialidades, no jornalismo esportivo, o romantismo ou o “clubismo” se apresenta como um obstáculo, que até nos dias atuais, alguns jornalistas, principalmente na televisão, tem dificuldade de controlar,

como acontece no programa Fox Sports Rádio, onde a liberdade para comentar, ultrapassa os limites do conceito jornalístico, no qual é frisado a imparcialidade, mas que as vezes, é deixada de lado, seja como gesto de idolatria ao time ou de ódio.

Além disso, o mercado dos jornalistas esportivos nunca foi mil maravilhas, pois as emissoras, os jornais focam em profissionais mais experientes, por mais que o salário de cada jornalista seja diretamente proporcional ao seu tempo de carreira. Por conta disso, o rádio, a partir do final dos anos 70, foi uma alternativa interessante como alavanca para os jornalistas ganharem experiência e evoluírem o seu potencial. Rádios tradicionais como Globo e Jovem Pan, tinham mais recursos e transmitiam mais jogos, entretanto a rigorosidade e a concorrência era infinitamente menor, logo, trilhas alternativas, como Rádio Capital, eram mais tranquilas de se trabalhar e aprender, e também atingiam a camada mais baixa da população, o que trazia para aquele povo, informações e reconhecimento.

Por mais que ainda haja preconceito, para com as mulheres no meio jornalístico esportivo, no início dos anos 70, era quase impossível ver mulheres nas redações, e na atualidade, mesmo que elas não apareçam em massa como narradoras e comentaristas de jogos, nas cabines de transmissão, alguns programas televisivos e radiofônicos possuem a presença de jornalistas femininas nas suas edições.

Todavia, trabalhar na área esportiva, não se resume a conviver apenas com futebol, por mais que cada jornalista tem a sua preferência e especialidade, no que se refere a conhecimento e afinidade. Todo jornalista, precisa ter amplo conhecimento, sobre todos os assuntos, pois a profissão abre várias portas, que devem ser aproveitadas a qualquer momento, visando um melhor desenvolvimento do profissional.

Muitos jornalistas, que ingressam no ramo esportivo, acabam desistindo por não poder transmitir o seu conhecimento, pois pelo menos a população do sexo masculino, quando mais novo, tem o sonho de ser jogador de futebol, recebe sempre o apoio e incentivo por parte dos pais para praticar o esporte, entretanto, é uma modalidade que demanda tempo e exige muito esforço, determinação, mas que é muito relativa, pois o sucesso de se tornar jogador, varia de acordo com as oportunidades que recebe. Quando não se consegue ser atleta, a vontade de ser jornalista, ou trabalhar com futebol, passa a ser enorme, entretanto no jornalismo,

por mais que se tenha conhecimento, a credibilidade do profissional diminui, quando se confundi o ato de noticiar os fatos, com o de transmitir aprendizados conquistados ao longo da vida.

Outro fato influencia negativamente: nos momentos em que o jogador que o jornalista tem afinidade, está vivendo uma fase ruim e passando por severas críticas. Se o profissional não for imparcial e uniforme, as suas notícias poderão prejudicar o seu emprego e a sua reputação.

Outros pontos que o jornalista esportivo precisa zelar é o relacionamento com fontes, para apuração de informações exclusivas, pois os furos de reportagens são valiosos quando a notícia é imparcial, verídica, entretanto, quando ocorre precipitação, as consequências refletem, principalmente na sua capacidade de produzir pautas para a redação, pela falta de informações, que se justificam pela desconfiança da assessoria de imprensa dos clubes, por exemplo.

3.4– TECNOLOGIA NO FUTEBOL

Desde o final do século XX, o futebol vem sofrendo inúmeras modernizações, tanto na prática da modalidade, quanto no meio jornalístico, pelo motivo das emissoras de televisão terem evoluído com tempo, e os estádios, nos tempos atuais, serem rodeados por câmeras, de diversos ângulos, que flagram todos os lances e incriminam a arbitragem, quando a decisão das jogadas são tomadas de maneira incorreta.

Por conta de corriqueiras reclamações e críticas, a *Federation International Football Association*, mais conhecida como a FIFA, entidade máxima do futebol, vem implantando novas tecnologias na modalidade, com o objetivo de auxiliar a arbitragem cada vez mais.

A primeira delas, fornecida pela empresa alemã, *GoalRef*, como um teste, na final do Mundial de Clubes de 2012, consiste em um chip, que é colocado na bola, além de um sensor instalado nas traves. Para a mesma competição, a empresa norte – americana, *Hawk-Eye*, forneceu câmeras que indicam se a bola passou ou não, por completo, pela linha do gol. As duas juntas disparam um sensor no relógio do árbitro principal e de seus assistentes, ilustrando a palavra *GOAL*, em inglês, *GOL*, em português.

Essa tecnologia esteve presente no Brasil, nas Copa das Confederações de 2013 e na Copa do Mundo de 2014, influenciando em lances do Mundial, como em lances de gol da Seleção Francesa e também da Seleção Costarriquenha.

A tecnologia do árbitro de vídeo surgiu no futebol em junho de 2016, após uma reunião do órgão que determina as regras de uma partida, a IFAB. Foi implantado inicialmente em agosto do mesmo ano, na *United Soccer League*, segunda divisão do futebol norte americano, em dois lances faltosos, no quais a tecnologia ajudou a solucionar a dúvida.

O árbitro de vídeo pode ser solicitado em 4 tipos de situações, que são: gol ilegal, por alguma infração faltosa ou impedimento, marcações de pênaltis ou simulação, erros de identidade, ou seja, confusão entre o reconhecimento de atleta e cartões vermelhos.

Em 2016 também, a FIFA utilizou a como teste, visando a Copa do Mundo de 2018, no Mundial de Clubes da temporada, entretanto, o que deveria ter sido algo positivo, visto que seria a primeira edição do torneio mais importante do Mundo com o auxílio do VAR, foi alvo de críticas, tendo como a mais severa, a que se tratou do ex técnico do Real Madrid, um dos principais clubes da Europa e do planeta, Zinedine Zidane e do meia e atual melhor jogador do mundo, Luka Modric.

Chegou ao futebol sul americano em 2017, sendo utilizado a partir das semifinais da Taça Libertadores e na final da Sul Americana, além de ter sido usado pela primeira vez no Brasil, pela Federação Pernambucana de Futebol.

Nas principais competições do futebol brasileiro, a sua inserção se deu no segundo semestre de 2018, a partir das quartas de finais da Copa do Brasil, sendo solicitada na partida de ida do confronto entre Bahia e Palmeiras, na chave das quartas, na marcação de um pênalti a favor do time paulista, todavia, desperdiçado, culminando no placar final de 0 a 0.

No final da competição, entre Corinthians e Cruzeiro, que terminou no hexacampeonato do time mineiro, o VAR foi solicitado em dois lances. Primeiro em um pênalti pro Corinthians, mal marcado já que a decisão parte da interpretação da arbitragem e depois, em uma falta marcada a favor do Cruzeiro, no lance do gol do Corinthians, que naquele momento seria o da virada e do título corinthiano, já que o placar apontava 1 a 1. Entretanto, pouco tempo depois, o Cruzeiro virou a partida e como venceu a partida de ida por 1 a 0, levou o título da Copa do Brasil. Após o fim

do jogo, começou a se gerar entre os jornalistas, dúvidas com relação a tecnologia, levando em conta a função exercida pelo vídeo, a falta de treinamento da arbitragem e o manuseio do sistema.

No mesmo ano, sua aparição mais importante se deu na Copa do Mundo de 2018, na Rússia, entre os dias 14 de junho e 15 de julho, tendo como campeã a seleção da França. Com repercussão no mundo inteiro, a sua inauguração na competição aconteceu no segundo dia de jogos, na partida entre França e Austrália, no qual um pênalti foi marcado a favor da seleção francesa. Além disso, na mesma partida, outro pênalti foi assinalado, desta vez para a seleção australiana.

Para concluir, o polêmico árbitro de vídeo, influenciou também na final, entre França e Croácia, tendo este sido o primeiro gol da França na vitória por 4 a 2, que lhe rendeu o bicampeonato mundial.

4 – OBJETOS DE ANÁLISE

Mauro Cezar Pereira é um jornalista esportivo brasileiro, conhecido pelas suas fortes opiniões, principalmente no quesito de críticas. Em 2016, após ter se envolvido em uma polêmica, por ser visto assistindo a jogos do Flamengo, no meio da torcida do time, ele assumiu em um dos programas que participa, ser torcedor do clube. Entretanto, nos programas em que participa, é muito comum ver ele criticando com veemência, o rubro – negro carioca.

Uma de suas declarações mais fortes, foi com relação ao trabalho feito pelo técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão, no período entre 2013 e 2014, época em que foram realizadas no Brasil, a Copa das Confederações, em 2013, na qual a seleção brasileira foi campeã, vencendo na final, a campeã do mundial de 2010, na África do Sul, Espanha por 3 a 0 no Maracanã lotado e a Copa do Mundo, um ano depois, quando o Brasil sofreu seu maior revés, ao ser derrotado por 7 a 1 para a Alemanha na semifinal do mundial, causando grande decepção para os brasileiros, que tinham fé no time, mesmo com um desempenho bem irregular durante a competição.

Desde 2004, trabalha nos canais ESPN, como comentarista, e aparece regularmente nos programas Linha de Passe e Bate Bola, além de comentar jogos do Campeonato Inglês.

Utiliza-se de outros veículos para se comunicar com o seu público, que são eles, o canal no Youtube, onde ele escolhe um assunto relevante no momento, e faz um vídeo numa média de 4 a 5 minutos, o blog do Mauro Cezar, no próprio site da emissora e a coluna online, no jornal Estadão.

José Carlos Amaral Kfourri, mais conhecido como Juca Kfourri, é um jornalista esportivo brasileiro, com passagens por diversos veículos como jornal, revista, rádio entre outros. É torcedor do Corinthians e pai do também jornalista e repórter dos canais ESPN, André Kfourri.

Foi convidado para trabalhar no Departamento de Documentação, o DEDOC da Editora Abril, em 1970, quando estava cursando Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). No período até 1974 em que esteve no setor, chegou ao cargo de chefe do departamento. Após a sua saída, foi chamado para ser chefe de reportagem de revista Placar. Ficou no cargo até 1978, quando passou três meses na extinta TV Tupi. Quando o jornalista Milton Coelho da Graça deixou a revista e a editora, Juca foi convidado para ser o diretor de redação⁹ da revista Placar.

Se destacou ao organizar em 1982, uma matéria que denunciava a chamada "Máfia da Loteria Esportiva", onde jogadores eram comprados por apostadores, para garantir que o resultado fosse o que havia sido apostado, e que foi indicada ao Prêmio Esso de jornalismo, mais importante premiação da imprensa brasileira.

Após deixar a direção de redação da Placar e a Abril, em 1995, passou pela televisão, em canais como TV Record, Rede TV, ESPN, quando foi contratado em janeiro de 2018, para comandar o programa Entre Vistas, na TVT. Passou também pelo rádio, trabalhando na Rádio América, até ser contratado pela CBN, cargo que assume até os dias atuais, participando dos noticiários da imprensa. Foi colunista de futebol nos jornais O Globo, Folha de São Paulo e O Lance!, período em que condenado a indenizar o técnico Vanderlei Luxemburgo, até ser contratado pela UOL, em 2005, onde mantém um blog com mais de trezentos milhões de visitas.

5 – ANÁLISE DO OBJETO

Analisando as duas colunas, pôde-se concluir que a hipótese levantada foi comprovada, por vários motivos. O primeiro deles, é a falta de transparência na

comunicação ou no acionamento da tecnologia, pois o VAR chegou com o intuito de evitar erros grandes por parte da arbitragem e por mais que ele influencie corretamente em algumas ocasiões, o fato de no futebol a marcação do lance partir da interpretação da arbitragem, assim como o acionamento da tecnologia, ainda causam conflitos entre a sociedade, diferente do que acontece em outras modalidades como o vôlei, no qual o vídeo é solicitado pela equipe, onde cada time tem direito a dois desafios, com a observação de que, só há perda na quantidade de desafios a serem pedidos, se a reclamação não for verídica. Caso contrário, os dois desafios continuam disponíveis, mas não acumulam na mudança de set.

Por conta disso, durante a Copa do Mundo na Rússia, a polêmica foi muito grande, pois no primeiro jogo do Brasil no mundial, no qual empatou por 1 a 1 com a Suíça, houve duas reclamações por parte da Seleção Brasileira, com relação a uma suposta falta no zagueiro Miranda, no lance do gol suíço e um suposto pênalti no atacante Gabriel Jesus.

Outro motivo que também confirma o uso precipitado do árbitro de vídeo, é a indecisão da arbitragem com relação ao prosseguimento da jogada, que atrapalha o rendimento dos jogadores e prejudicam o seguimento da partida, mesmo que durante a competição, os árbitros tivessem o mandato por parte da FIFA, de acrescentar o tempo perdido para uso da tecnologia.

Sendo assim, o comparativo entre as duas colunas teve mais semelhanças, por conta dos diversos motivos que prejudicam o uso do VAR e que causam discórdia não apenas nos torcedores que opinam de maneira sensacionalista, mas também nos jornalistas

6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no estudo realizado, conclui – se que ao analisar as duas colunas, tanto a do Mauro Cezar quanto a do Juca Kfourri, pôde se perceber que o árbitro de vídeo, que assim como na visão da sociedade, de que a tecnologia ainda não está satisfatória a sua avaliação, visto que faltam ajustes, os jornalistas, que são designados a formar opinião de forma conceituada, também compactuam do mesmo ponto de vista, trazendo uma referência importante para os que tem interesse em se aprofundar no estudo do VAR.

Todavia, apesar de todas as polêmicas causadas, a tecnologia, nesse curto período de utilização, teve pontos positivos em marcações de lances faltosos que o árbitro não assinalou inicialmente, mesmo que em algumas jogadas claras e com grau de dificuldade maior, o árbitro de vídeo não auxiliou os seus companheiros que estão no campo de jogo.

Por fim, avalia – se que o VAR é uma solução para os lances graves de uma partida, no quesito de transparecer as jogadas, mas que terá uma aprovação mais satisfatória, a partir do momento em que os ajustes começarem a serem realizados, tanto no sistema, quanto na equipe de arbitragem, para que a utilização da tecnologia passe despercebida durante os jogos, de maneira tranquila.

REFERÊNCIAS:

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

CRESCA BRASIL. *História do Futebol*. Disponível em <https://www.crescabrasil.com.br/pessoas/347/material/Hist%C3%B3ria%20do%20Futebol.pdf> Acesso em: 01 nov. 2018.

CLEMENTE, Mariane. *O uso da tecnologia no futebol: As imagens de televisão como provas em julgamentos do Superior Tribunal de Justiça Desportiva*. Disponível em <http://www.ufjf.br/facom/files/2013/11/Monografia.pdf> / Acesso em: 03 de nov. 2018.

FERREIRA, Fábio. *Gêneros jornalísticos no Brasil: estado da arte*. Disponível em <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/bibliocom/article/view/1194/1114> Acesso em: 22 nov. 2018.

LEMO, V.; LUIZ, T. *Colunismo Social e Jornalismo Opinativo: Um Debate Epistemológico*. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/centrooeste2017/resumos/R56-0079-1.pdf> / Acesso em: 22 de novembro de 2018

OLIVEIRA, Alex de. *Origem do Futebol na Inglaterra no Brasil*. Disponível em <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/viewFile/154/139/> Acesso em: 03 nov. 2018.

MELO, José Marques de. *Jornalismo Opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. São Paulo: Mantiqueira, 2003.